



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

PERCURSOS DA DES(RE)TERRITORIALIZAÇÃO EM MILTON HATOUM¹

Amilton Queiroz

Simone Lima

Jane Fraga Tutikian

¹Este texto é desdobramento da pesquisa de doutorado em Letras, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Literatura, História e Imaginário.

Resumo

Este trabalho compreende o texto literário como porto de passagem onde é cartografado o imaginário da des(re)territorialização, tomando como objeto *Relato de um, certo Oriente* e *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Do ponto de vista teórico-metodológico, o ensaio afina-se com as interlocuções entre a Teoria Literária, a Literatura Comparada e Estudos Pós-coloniais. Amarrando, solidária e friccionalmente, as comarcas libanesa, brasileira e francesa, os textos hatounianos deslizam entre os limiares do substantivo Amazônias. É dessa margem pluralizada que as obras rascunham o enlace entre arquipélagos culturais interplanetários, cujas aderências do imaginário testemunham glocalizações incontornáveis. Nessa perspectiva, o espírito da mobilidade costura a guinada do pensamento nômade, que aproxima o uno e o diverso. Outrossim, é preciso investigar as cenas do entre, entendendo-as como lugares onde se projetam as heterogeneidades cultural, linguística, estética e epistemológica das alteridades plurais.

Palavras-chave: Movência, nomadismo, errância

Abstract

This work comprises the literary text as a port of passage where the imaginary of the (re-) territorialization is mapped, taking as object the Report of one, a certain East and Two Brothers, of Milton Hatoum. From a theoretical-methodological point of view, the essay refines with the interlocutions between Literary Theory, Comparative Literature and Postcolonial Studies. By tying together, frictionally, the Lebanese, Brazilian and French counties, the Hatounian texts slide between the thresholds of the noun *Amazônias*. It is from this pluralized margin that the works drafted the link between interplanetary cultural archipelagos, whose adherences of the imaginary bear witness to inevitable glocalisations. From this perspective, the spirit of mobility sews the twist of nomadic thinking, which brings together the one and the diverse. Moreover, one must investigate the scenes of the entre, understanding them as places where the cultural, linguistic, aesthetic and epistemological heterogeneities of plural alterities are projected.

Keywords: Movement, nomadism, wandering



As perspectivas de leitura, análise e interpretação do texto literário vêm desde os tempos imemoriais, atravessando as fronteiras linguísticas, culturais e éticas para colocar na pauta dos debates contemporâneos o lugar da produção literária latino-americana. A presença constante desse colóquio de ideias confirma a importância da articulação entre culturas, identidades e imaginários em constante interação. Essa linha máxime tem testemunhado a força das representações literárias e seus desdobramentos nas démarches da letra e voz das Américas. Ademais, o entrecruzamento de olhares tem demonstrado como o universo da ficção abraça a movência das imagens, dos itinerários e das jornadas do saber que gira ao redor do texto literário.

A presença de outros imaginários confere ao texto literário uma especificidade plural, haja vista ele se transformar num espaço discursivo onde se encontram diferentes matizes culturais. O texto é, assim, espacialidade habitada por sujeitos oriundos de geografias interiores e exteriores ao contexto do encontro, cujas dicções, experiências e tradições ampliam o fluxo da figuração do outro. A especificidade de cada sujeito da interação aponta para a potencialidade interpretativa das experiências tensionadas no contato com outras culturas em deslocamento.

Nesse sentido, ler, escrever, refletir e problematizar sobre a heterogeneidade amazônica é um convite ao compromisso teórico-metodológico erguido entre as filigranas do imaginário contemporâneo, cuja tarefa não pode ficar reduzida à cátedra dos proselitismos e aos devaneios de uma certeza epistemológica. É, como dizia Cornejo Polar, exercitar uma “crítica literária latino-americana”, ou ainda, como apontava Angel Rama, é mapear as “comarcas culturais”. Assim, marcado pelas conexões, trocas e reconversões plurais, bem como reconhecendo a necessidade

do exercício e do mapeamento das culturas latino-americanas, este trabalho propõe pensar as literaturas amazônicas a partir da escrita de Milton Hatoum.

Grafado no singular, o substantivo Amazônia, aqui, escorrega para o plural, pois denota a espessura de uma cartografia do imaginário, cuja força semântica se espalha entre vários contextos, discursos e imagens. Destarte, defendendo que a heterogeneidade é uma das zonas de passagem primordiais para compreender as alteridades amazônicas, este trabalho pactua, ainda, da premissa de que a escrita hatouniana problematiza, esteticamente, o lugar e força das constelações rizomáticas no contexto da Amazônia brasileira.

Essa Amazônia plural é tecida na paisagem dos romances *Relato de um certo Oriente*² (1989) e *Dois Irmãos* (2000). Rapidamente, uma visão panorâmica das narrativas. *RCO* encontra-se, de um lado, edificado sobre um terreno de oito capítulos, distribuídos entre 166 páginas cuja média de extensão gravita em torno de 24, 28, 10, 6, 44, 21, 12 e 12. De outro lado, *DI* ergue-se em meio à dimensão de 266 páginas cujos limites comportam 12 capítulos, distribuídos respectivamente em 33, 11, 13, 38, 39, 33, 29, 23 7, 8, 4 e 8 laudas.

Os espaços onde as personagens de *RCO* transitam flagram o imaginário cultural de Trípole, Ebrin, Beirute, Chipre, Trieste, Marselha, Espanha, Portugal, Alemanha Oriental e Ocidental, Inglaterra, Recife, Manaus e São Paulo. Os de *DI* aproximam cenas da vida de Manaus, Biblos, Líbano, Marselha, São Paulo, Rio de Janeiro, Estados Unidos, Louisiana, Mississipi e Índia. Assim, os espaços sobrepostos no texto sinalizam as etapas da vida e as lembranças das personagens sobre a própria estrangeiridade

² Doravante *RCO* e *DI*.

de si e do outro, evocando processos interativos de línguas e conhecimentos marcados pelo movimento triangular.

Mesclada de recortes contemporâneos, a lapidação do tempo obedece, em *RCO*, à lógica de avanços e recuos, posicionados nos decênios de 1917, 1920, 1924 e 1954. Em *DI*, desenha-se o curso da passagem pelos idos de 1938, 1945, 1950, 1960, 1964. O ponto de encontro entre as duas narrativas pode ser buscado na vivência de personagens posicionadas nas frestas do século XX, entrançando experiências, desejos e rearticulações realizadas em meio ao atravessamento de tradição e modernidade, na cidade portuária de Manaus. Inclusive, os cinco narradores de *RCO* (uma mulher adulta, Hakim, Dorner, Pai de Hakim e Hindié Conceição) e o de *DI* (Nael) arquitetam o percurso da heterogeneidade no circuito cultural manauara, enlaçando-o às aproximações, aos desvios e às reconversões de um substrato estético-cultural dinamizado pelo testemunho de cosmologias transliterárias.

Pautado na coabitação de interatividades contraditórias, o percurso dos narradores estampa os laços comunitários da heteroneidade cultural. Um primeiro ponto de heterogeneidade perpassa os contextos vividos pelas personagens: a convivência da narradora na casa de Emilie e a busca de Nael para decifrar o enigma de sua paternidade, a reconstrução da história da família de sírio-libaneses e a reconstrução da história de manauaras, alemães, franceses, portugueses e indianos. Um segundo laço de heterogeneidade entre *RCO* e *DI* diz respeito à partida e ao retorno das personagens, experimentando o clima do exílio físico e simbólico e a errância. Ligado à noção de mobilidade, o terceiro laço de heterogeneidade amplia, de um lado, as possibilidades de diálogos e itinerâncias entre Brasil, Europa/Ásia/América, de outro lado, os romances evocam o deslocamento entre Amazônia, Sudeste e Sul do Brasil.



Na rápida panorâmica dos dois romances, é latente a configuração de um imaginário plural em que a aprendizagem mútua dá o tom do encontro entre narradores e personagens. Resulta disso a figuração de uma constelação rizomática. Isto é, a projeção de capilaridades narrativas aderentes ao ato de leitura da diferença, que lateja no território das experiências culturais das personagens, vistas a partir do movimento de partilha. Constelações rizomáticas significam, aqui, conviver com o múltiplo no solo das singularidades plurais, traduzidas em seu caráter especular, cuja movência desarma as tentativas de aprisionamento dentro da fronteira da vontade própria, para dar vazão ao intrincado movimento tradutório da heterogeneidade amazônica.

Por esse caminho interpretativo, ler a diferença em seu grau de solidariedade é mapear as cenas do diálogo das alteridades, vendo-as como pontes rizomáticas cuja compreensão das densidades culturais passa pela (in)traduzibilidade do traço da heterogeneidade. Como elemento desencadeador da cartografia da alteridade, as constelações rizomáticas, na narrativa hatouniana, desterritorializam o horizonte de expectativa do leitor das práticas cotidianas para reterritorializá-lo na paisagem da heterogeneidade cultural, linguística, ética, educacional, espacial, temporal, educacional e ecológica das Amazôniaas do século XX.

Pensados nessa direção, *RCO* e *DI* tomam a heterogeneidade como uma possibilidade de perceber os traços do viver entre vários mundos, pertencendo a muitas culturas. Estar entre, movimentar-se para além e experimentar distâncias são vertentes do olhar que figura o ritmo da travessia pelas experiências transversais, reconhecendo a presença do outro, não para fazê-lo coadjuvante na cartografia da paisagem, mas para torná-lo

também protagonista do remapeamento das geografias da cooperação entre as heterogeneidades.

Em *RCO* e *DI*, a estratégia de olhar para além da fronteira do desejo abastece as vias de acesso à estrangeiridade que aproxima as culturas através da poética da viagem. Ao viajarem, as personagens têm o deslocamento como uma variante que os permite habitar uma distância, que encontra cooperação na zona do encontro com personagens heterogêneos que, mesmo vivendo em solo pátrio, sentem-se estrangeiros a si mesmo. O traço que liga o de fora e o de dentro é, portanto, a estrangeiridade vista como conjugação da heterogeneidade cultural.

Dada uma pinçada na dimensão mais geral dos dois romances, é pertinente mergulhar, separadamente em cada um deles para averiguar como a heterogeneidade faz-se presente. Em *RCO*, projeta-se o deslocamento de uma família sírio-libanesa composta pela matriarca católica Emilie e seu marido mulçumano, apenas referido no livro como pai. Dessas duas árvores genealógicas, nascem, em território amazônico, quatro filhos – Samara Délia, Hakim e outros dois, que, embora não nomeados no romance, são constantemente mensurados no decorrer da trama narrativa. Além dessa tetralogia, outras duas crianças serão adotadas - a relatora, que conduz a história do romance, - e seu irmão, que mora em Barcelona, para quem ela tem a finalidade de enviar o relato. No ritmo de interligação, outras personagens ampliam os laços de heterogeneidade interna e externa ao contexto manauara/brasileiro, na obra: Soraya Ângela, a filha surda-muda de Samara Délia; Emir, o irmão de Emilie, que se suicida no porto da cidade; o fotógrafo e etnógrafo alemão Dorner, que fotografa Emir pouco antes de sua tragédia; Hindié Conceição, grande amiga de Emilie e que a acompanha até o momento da morte; e Lobato Natividade, tio

da lavadeira Anastácia Socorro, o qual era considerado o “Príncipe da magia branca”.

Tecido de heterogeneidades transfronteiriças, *RCO* dissemina vozes que conjugam sentidos de vida em torno do processo dialético, contraditório em sua essência, dos contatos culturais. Com um pé lá, outro cá, as personagens de *RCO* atravessam mediterrâneos, matizando itinerários de alteridades que transitam por além-pátrias, rasurando, ainda, os limites da fronteira própria e alheia. Noutras palavras, os fluxos da heterogeneidade do primeiro romance hatouniano são esteados na interação de cinco narradores: a narradora manauara/brasileira, o brasileiro/Hakim, o alemão Dorner, o pai de Hakim (árabe) e a brasileira Hindié Conceição. Nascida em Manaus, mas ausentando-se desta cidade por longo período, a narradora vai para São Paulo, ficando um tempo recolhida em um hospício. Seu retorno à terra natal desencadeia o projeto de reconstruir cenas do passado alojadas na infância vivida junto à família sírio-libanesa.

Dessa heterogeneidade do olhar, a empreitada de reescrita da narradora testemunha a (im)possibilidade de reerguer, sozinha, as lembranças do convívio com os demais moradores, visitantes e empregados da casa de Emilie. Ela decide, então, dividir a experiência do ato de narrar e ser narrada pelo crivo do olhar do outro. Ao assumir uma postura oscilante, a narradora ressemantiza a trama da heterogeneidade, trazendo para perto de si outras maneiras de compreender o mundo manauara, colocando-o em correlação com vozes brasileiras, alemãs e árabes. A heterogeneidade nasce do próprio ato narrativo, visto que a narradora principal permite-se dividir a cena do deslocamento para o outro lado de si, através do consentimento a outros narradores para reler as paisagens da subjetividade manauara.

Numa guinada vertical e horizontal, os narradores acessam as esferas das heterogeneidades que os aproximam

frente ao confluir das direções apontadas por cada um dos horizontes intercambiáveis, que solidificam o projeto de figuração das diferenças culturais, do espaço interior e exterior das personagens que transitam pela casa da matriarca Emilie.

Se a atuação da narradora figura um deslocamento dentro da heterogeneidade brasileira – sua ida para São Paulo e retorno para Manaus –, a percepção dialógica do alemão Dorner flagra a o ritmo da heterogeneidade estrangeira, registrando-a através de uma máquina fotográfica que virtualiza os lapsos temporais da vida de Emilie e de seus familiares. Dorner é responsável por estabelecer três laços de heterogeneidade no campo narrativo de *RCO*: Hakim, Pai e Emir. Essa conexão entre culturas brasileira, árabe e alemã expande os fios das experiências heterogêneas, projetando reconversões cujas balizas cotidianas ressemantizam fluxos culturais para além do espectro da paisagem da subjetividade, culminando na tradução das trocas culturais e dos prazeres do exílio na trama da diferença, enlaçada ao jogo das redes interculturais.

Sobre a heterogeneidade de Hakim, ele se desloca para região do Sul do Brasil – marcada por uma cultura de fronteira ligada a países como Uruguai, Paraguai e Argentina. De outro lado, Hakim estabelece com Dorner redes plurissignificativas quanto ao mundo da escrita – ambos têm a paixão pelo mundo da biblioteca - isto é: acessar o mundo através das viagens simbólicas propiciadas pelo mergulho no imaginário da letra. Sentindo-se um estrangeiro dentro de sua própria casa amazônica, o filho de Emilie decide viver na zona fronteira do sul brasileiro, articulando práticas que o permitam ampliar o raio de sua formação intelectual. O traço da heterogeneidade de Hakim revela os paradoxos do deslocamento, apontando para o movimento da

estrangeiridade como ponte de travessia entre as percepções do imaginário próprio e alheio.

Colocado à trafegabilidade para além das fronteiras, o segundo laço de heterogeneidade nascido da atuação de Dorner conecta-se ao rastreamento da rota de chegada do marido de Emilie ao Brasil. O processo de interação estabelecido entre as duas personagens evidencia como o universo manauara integra outras margens heterogêneas. O ponto de encontro delas é a loja do pai de Hakim - lugar onde as tranças de solidariedade cultural ampliam-se através do recolhimento da fala do estrangeiro oriental e o alemão Dorner. A heterogeneidade é, assim, um ponto de interligação do reconhecimento das diferenças, traduzindo as cenas do intercâmbio através da passagem pela zona de instabilidade dos imaginários culturais.

Na fluência da cartografia da alteridade, o terceiro traço da heterogeneidade que torna mais ampla a visão do narrador Dorner é sua relação com Emir. O fotógrafo alemão tira a última fotografia do libanês antes que este se suicide no porto da cidade manauara. Essa situação narrativa permitirá ao colecionador de plantas e bibliotecário alemão construir um quarto eixo de heterogeneidade com a matriarca Emilie, que era extremamente ligada ao irmão suicida, atraído pelo desejo de viajar para Marselha e viver uma história de amor com uma francesa. Vislumbradas em sua profundidade relacional, as conexões interculturais de Dorner, Emir e Emilie ampliam os trajetos transatlânticos. Ainda no seio da atuação de Dorner, merecem destaque suas viagens tanto para o interior das aldeias amazônicas, quanto para as Alemanhas Oriental e Ocidental.

No reduto de heterogeneidade, abre-se a possibilidade de desenhar os trajetos da passagem do outro que caminha não apenas para ler a diferença amazônica, mas também para ler a si mesmo, através da figuração de línguas, culturas e sujeitos.

O intercâmbio produz laços solidários que tensionam as marcas da interação, por exemplo, entre negros, indígenas e libaneses. Tal aspecto aparece na postura da narradora negra Hindié Conceição - posicionada estrategicamente na casa da libanesa Emilie, com quem realiza transgressões linguísticas, culturais, religiosas e gastronômicas. A heterogeneidade escorrega entre redes de pertencimento provisórias, desterritorializando as percepções do eu dono de si, viabilizando, ainda, a reterritorialização do eu múltiplo que reconhece a presença do alheio na margem do próprio.

Assim entendido, *RCO* figura a heterogeneidade como uma zona de abertura marcada pela dinâmica dos realinhamentos prospectivos da cartografia do deslocamento para aquém dos aquíferos da monologia. Ao ultrapassar essa cercania discursiva, *RCO* mapeia o intercurso de errâncias multifocais, destituídas do volume da unicidade, aderindo à visibilidade e à leveza do olhar em trânsito pelo território da diferença. Também erguido em meio à espessura do deslocamento pela geografia da alteridade rizomática, o romance *DI* escala os andares do edifício da heterogeneidade através da busca errática dos vestígios da alteridade de culturas em trânsito. Os laços de heterogeneidade são tecidos no (des)encontro de duas histórias simultâneas: a do estrangeiro libanês Halim e a da brasileira Domingas. A partir das pistas espalhadas nos relatos do avô e da mãe, Nael reconstrói, expandindo, os laços comunitários entre personagens libanesas, francesas, indianas e brasileiras.

A primeira heterogeneidade cultural agrega o ciclo da vida de Halim, Zana e Galib. Vindas do Oriente, mais especificamente do Líbano, essas três personagens tem seus imaginários espalhados pela zona cultural de Manaus, seja do ponto de vista comercial, seja no feitiço familiar. A segunda heterogeneidade estabelecida com o mundo oriental deixa-se evidenciar pela presença do empresário indiano Rochiram,

que *“falava devagar em inglês e espanhol as frases que pensava em dizer em português”* (Hatoum, 2000, p. 225). Ligam-se, desse modo, os mundos amazônico e indiano, apontando para direções variadas do processo de contato cultural realizado nas paisagens imaginárias brasileiras do século XX.

A terceira instância da heterogeneidade desenvolve-se em torno da cultura portuguesa, figurada através da trajetória de Abelardo, Estelita e Livia Reinoso. A quarta margem da heterogeneidade aponta para a presença da cultura árabe, erguida sobre a face da travessia do comerciante Talib e suas filhas Zahia e Nahada. A família oriental vê no espaço amazônico uma possibilidade de ampliar suas práticas comerciais, bem como interagir com uma infinidade de culturas indígenas, negras e estrangeiras entrelaçadas na zona urbana. E a quinta zona de heterogeneidade abraça as sinuosidades da cultura francesa, representada por meio do professor de francês Antenor Laval. Esse docente desenvolve com Omar relações de solidariedade a partir do campo da leitura de livros, poema, as aulas de literatura e língua francesas. As culturas francesa e brasileira são embaralhadas, testemunhando atravessamentos simultâneos entre ambas. Omar e Laval solidarizam-se cultural e educacionalmente, abrindo caminhos vários para disseminar a força da heterogeneidade.

A partir da reconstrução dos laços paternais, Nael percebe-se imerso numa trama de solidariedades culturais, cujas linhas de força apontam para diferentes partes do mundo: Líbano, França, Brasil, Portugal. Navegando nas ondas dessa cultura quaternária, Nael vive a experiência da tradução da heterogeneidade do ator de narrar o outro de si, ao mesmo tempo que aprende a cartografar as pegadas da alteridade alheia para fisgar dentro de si as marcas da estrangeiridade que o aproxima dos demais atores culturais

tecidos a partir do trânsito pela casa una e diversa dos estrangeiros libaneses.

A heterogeneidade é fecundada do ato de ver em si a ambiguidade dos contatos interculturais, resenhando o percurso das movências do corpo e da memória pelas comarcas da esperança de repovoar o limite de si. Um repovoamento que tem como princípio tingir o uno de diverso e vice-versa, explorando a densidade do olhar que vai em direção ao outro para ver a marca da diferença como veículo de redefinição da fronteira do tempo, performatizando outros pactos de solidariedade fecundados pela heterogeneidade do encontro entre culturas em trânsito. A lógica da mobilidade impulsiona a figuração das cenas do contato para desviar-se das práticas de leitura peremptórias, apostando, conseqüentemente, na releitura dos trajetos da heterogeneidade de libaneses, brasileiros, indianos e franceses.

Nesse caminho de mão dupla, a interligação das alteridades transversaliza fluxos comunitários, bem como sinaliza para a textura do limite, da fronteira, da margem, do contorno e da faceta intertextual de discursos, contextos aparentemente dissímels, não obstante reveladores de interconecção entre culturas em trânsito. Deslocado dos parapeitos de certezas consoladoras, Nael ousa sair em travessia à procura dos sinais de reconfigurações culturais, arremesando-se ao processo de reescrita do roteiro de uma cidade (des)imantada por uma memória-palimpsesto. Essa imagem da heterogeneidade traduz itinerário de sujeitos que migram para além de uma geografia física que os reposiciona na paisagem simbólica do imaginário das trocas culturais.

Não sem propósito, em *DI*, o deslocamento de Nael coloca em relevo a atmosfera rarefeita do encontro de margens transpacíficas e transregionais, ultrapassando o bloqueio da representação binária das redes de contatos,

içando-as a partir de triangulações atlânticas desdobradas em vários cruzamentos culturais. O filho de um dos gêmeos narra a consciência de um entrelaçamento cósmico do universo como uma rede de relações desenvolvidas em uma infinidade de direções liminares. Estas arremessam o leitor perante um coral de vozes, cuja harmonia é franqueada pela coabitação da coreografa de contatos, interpenetrações e interconexões entre Europa, América e Ásia.

Depreende-se que reposicionar e mobilizar horizontes de interdependência dialógica entre mundos de trocas friccionais constituem o locus de enunciação de *RCO* e *DI*. Como topografias erguidas pela contiguidade disjuntiva de trânsitos culturais, esses dois romances projetam dicções que multiplicam, dividem, subtraem e somam laços de heterogeneidade de personagens ligadas pela experiência da circulação na margem própria e alheia. No transitar pela cidade-texto, pelo texto-cidade, pelo texto-terra, pela terra-texto, pelo texto-casa, pela casa-texto, pela infância-texto, pelo texto-infância, os narradores e personagens hatounianos aprendem que enlaçar a história das passagens triangulares e as paisagens da cidade de Manaus é navegar no colóquio narrativo da interação recíproca entre arquipélagos culturais interplanetários.

Destarte, os laços de heterogeneidade entre *RCO* e *DI* viabilizam-se pela atuação de narradores inscritos na cena da fricção, da fronteira, da travessia de mundos, cujas assimetrias reorientam repactualizações sobre os fluxos culturais no contexto manauara. Conduzidos pelo desejo das conexões de imaginários, os cinco narradores do texto de 1989 e o de 2000 triangulam culturas em contato que pressupõem fricções entre regional, nacional e supranacional, tornando substantiva a plasticidade do viés comunitário na bacia cultural brasileira.

Essa constatação faculta ressaltar que, em *RCO*, os laços

de heterogeneidade se dão pela divisão do ato de traduzir de cada um dos cinco narradores. Já em *DI*, as tranças cooperativas da heterogeneidade de Nael acontecem através da reconstrução das histórias de Domingas e Halim, marcas da heterogeneidade brasileira e libanesa, figuradas no entre-lugar das culturas em trânsito.

De fato, o lugar da fala (a fronteira) assumido pelos narradores evidencia que a heterogeneidade do texto hatouniano oscila, prospectivamente, entre vozes simultâneas em tensão, construindo zonas ásperas da polifonia da diferença cultural. A heterogeneidade figurada em *RCO* e *DI*, move-se para adiante, quando, mergulhado na travessia de famílias libanesas no mundo brasileiro, os narradores de fronteiras (in)definidas solidarizam-se comunitariamente para ampliar as interlocuções entre pátrias imaginárias, que pontificam contrapontos à monologia da experiência entre-mundos da heterogeneidade cultural.

Desse ponto de vista, os narradores hatounianos são tomados pela paixão de interseccionar exílios, equilibrando-se na trama do testemunhar de (e)ventos que aproximam heterogeneidades cujos traços logram a fecundação de geografias transnacionais revisitadas para além do despretenso diálogo entre elas. Ao contrário, eles se deixam alinhar pelo clima da fricção liminar da interpetração mútua de mundos postos em contato pela voz de narradores que atravessam entre-lugares, em permanente renegociação. Tal atitude conflua para o rastreamento de heterogeneidades, agrupáveis através da figuração de caminhos, cujas integrações deixam abertas redes comunitativas do/no encontro com (i)ma(r)gens providas da mediação com outras rotas de viagem, posicionadas no além da horizontalidade do mesmo.

O clima de heterogeneidade vivida pelas personagens, longe de consolidar o ciclo da admistração da diferença,



reconfigura regiões híbridas, reembaralhando as peças do tabuleiro representacional dos agenciamentos comunitários de travessias entre diferentes culturas e línguas. Como sujeitos da diferença, as personagens dialogam e transferem um para o outro a aprendizagem dos sentidos da noção polissêmica das mobilidades de mundos intervalares. No intercurso das pertenças, visualiza-se uma narrativa cujo terreno movediço fortalece o projeto de travessia de várias personagens pelo arquipélago da errância dialógica, reconstruindo cidadanias de seres migrantes reposicionados dentro e fora da comarca literária brasileira.

Singularmente, a cartografia da heterogeneidade em/entre *RCO* e *DI* move-se na encruzilhada da perspectiva de que “*a biblioteca comparatista, seu corpus, e mormente suas diligências, são filhos do diálogo*” (Pageaux, 2011, p.19). Um diálogo em fricção capaz de reler as cenas de heterogeneidades que interligam e diferenciam as culturas entre si, penetrando na cadência profunda de contatos, permutas e passagens por (con)textos de fronteiras pós-coloniais de toda natureza. Mais ainda, a cartografia da heterogeneidade, em Milton Hatoum, desloca, distancia e entrelaça o percurso de alteridades energizadas pela estrangeiridade não apenas do ato de conhecer o outro que está latente em si mesmo, mas sim porque a estrangeiridade localiza-se na interface da interação das culturas, logo, costura, projetando, outras rotas de percepção para o encontro.

A distância das heterogeneidades é calibrada pelas cicatrizes da diferença, que abre a pauta do olhar para as cenas narrativas. Com isso, a heterogeneidade caracteriza-se em face do ato de reescrever trajetos apagados da memória coletiva, içada pelo cordão do esquecimento e da lembrança. Pendurados no limite das inclinações comunitárias do diálogo friccional, os dois romances traduzem os vestígios da

heterogeneidade como experiência propiciadora para redefinir a dinâmica das trocas culturais. Uma redefinição tonificada pelo espírito do deslocamento, que motiva o exercício da saída de si em direção ao outro. A atividade de reconhecimento da presença alheia dentro do universo do próprio dá-se pela recepção triangular dos imaginários, franqueando o olhar dos sujeitos em relação para as entrelinhas do dizer, fazer e sentir das paisagens das memórias amazônicas.

A heterogeneidade dos textos pode ser buscada em várias instâncias. Uma delas perfaz o perímetro das conexões entre as culturas brasileira, libanesa e alemã. Desta relação triangular nasce a segunda instância – a movência do olhar dos narradores. Ela agrega o projeto de cartografia de trocas culturais planetárias. Assim, os narradores brasileiros e estrangeiros cooperam, friccional e dialogicamente, entre si para traduzir a heterogeneidade amazônica. Ao por isto em prática, os dois romances renovam “o espaço do lar – da casa, da pátria – inauguram novos sentidos culturais, deslocando-os de sua fixidez identitária” (CURY, 2000, p.175). Ou seja, invocam as tramas do passado para projetar as cenas do presente calcadas no friccionamento de culturas, assumindo um compromisso aberto com o ato de traduzir o outro e apontando a impossibilidade de totalidade do conhecimento sobre as trocas culturais.

Em *RCO*, o dentro-fora dos narradores brasileiros Hakim, Hindí Conceição e a relatora amplia-se à proporção que eles penetram na camada do cotidiano da família de libaneses radicada na sociedade manauara. Esses três narradores realizam o movimento da errância dentro-fora de suas subjetividades, aprendendo a desviarem-se do jogo das unicidades do eu para recolher dentro de si pistas da estrangeiridade.



A errância do dentro-fora do nacional é iniciada com o retorno da narradora de relato ao espaço manauara de sua infância. Desterritorializada desse lugar de nascimento, a relatora passa um tempo da cidade de São Paulo para conjugar a experiência do deslocamento para além de si, escalando as brechas da memória de si e do outro para desenhar o percurso das relações entre culturas.

Nessa direção, a voz da narradora descentra-se, percebendo-se signo da heterogeneidade do olhar nacional múltiplo, atravessado por diferentes camadas de estrangeiridades. O descentramento dessa mulher, que narra sua própria errância pelo mundo do diálogo, vem pela partilha do foco narrativo com o conterrâneo Hakim, sujeito que já traz grafado dentro de si a marca da estrangeiridade: é o signo do próprio brasileiro e do alheio libanês.

O contato não é tido como mecanismo de definir quem é o nacional ou estrangeiro, ao contrário, a interação entre os indivíduos prognostica a possibilidade do dentro-fora e o fora-dentro ligarem-se pelas tramas da estrangeiridade. Em lugar de separar, o encontro entre culturas conecta o nacional híbrido, visto em diferentes tonalidades, e o estrangeiro também híbrido, ondulado pela heterogeneidade da voz. A interação entre o nacional e o estrangeiro promove a abertura à figuração da estrangeiridade como ponte de travessia entre o dentro-fora e do fora-dentro.

No âmbito do dentro-fora do nacional, Hakim constitui uma segunda voz que sobrevoa a lembrança de estar entre fronteiras plurais, seu itinerário guarda a marca da imbricação cultural, figurando a paisagem de um nacional híbrido que se faz pela conjugação das facetas do encontro consigo mesmo e com as várias outras marcas de estrangeiridades.

Hakim desliza para dentro de si, procurando sondar as marcas de sua vida em deslocamento pela região Norte e Sul



do Brasil. O trânsito entre a geografia física brasileira é uma maneira de o filho dos libaneses atravessar a fronteira de si mesmo, percebendo que o estrangeiro não é somente aquele que pertence a outra pátria; mas também que se encontra dentro do solo de sua subjetividade, espreado-se na rede de relações com o espaço manauara.

A estrangeiridade a si mesmo extrapola as fronteiras do dentro-fora, caminhando em direção à zona do encontro de experiências residuais onde se ampliam as redes do conhecimento de si. A subjetividade múltipla de Hakim faz-se da poética do encontro com as marcas do estrangeiridade que habita dentro dele, vindo à superfície de suas passagens pelo universo das trocas culturais. Estrangeiridade que embala o cordão da relação estendida ao fluxo de mão dupla, explorando as tranças do próprio e alheio agindo, simultaneamente, na brecha do cotidiano da voz, escrita e saber da travessia. Hakim transita, portanto, no entre-lugar do passado que acorda o presente para lançá-lo para além de si mesmo.

O dentro-fora está gravado na camada mais interna do eu do rapaz em travessia, que desce à margem do eu da multiplicidade de si para conectar-se ao ritmo da entrada no território da conexão com outras culturas. Abrir as janelas da história da libanesa é uma viagem de reconhecimento do traço do estrangeiro dentro de sua própria casa, habitada por pais vindos do Líbano, conduzindo-os pela estrada da aprendizagem da língua de outrem (árabe) costurada à portuguesa.

A estrangeiridade de Hakim tece-se, assim, no movimento para dentro-fora de si mesmo, rasgando as fronteiras do limite de seu pertencimento a um único imaginário. Ele atravessa a memória linguística, cultural e poética das relações transversais do encontro. O resultado dessa travessia é a conjugação do espírito da errância para



dentro-fora de si mesmo, cartografando a paisagem de sua subjetividade em devir, integrada ao fluxo dos deslocamentos simbólicos pela estrada da voz própria e alheia.

Arrancada do mundo rural, a indígena Conceição é desterritorializada do espaço da infância e reterritorializada na casa dos libaneses. Ela aprende a ser múltipla de si mesma, dado que se reconhece estrangeira dentro do próprio contexto cultural manauara. O dentro-fora dessa empregada encontra-se no transbordamento da rede dos imaginários, pois Conceição representa a zona de passagem da interligação do nacional indígena e o estrangeiro libanês.

Desterritorializado de seu país de origem, o fotógrafo alemão viaja pelo território nacional brasileiro, recolhe as pistas dos nomes das plantas, atravessa a língua de outrem, cartografa o movimento da vida errante do estrangeiro libanês e testemunha a geografia do encontro de imaginários. O processo de reterritorialização do alemão vem carregado de simbologias, cujas ressonâncias deixam sentir no mergulho dentro de si mesmo, aprendendo a atravessar a fronteira de sua pátria ocidental para encontrar a outra face de si no território alheio.

Ao testemunhar a travessia do libanês, o alemão redige dentro de si a geografia simbólica do exílio que abraça a dinâmica do intercâmbio com as marcas da estrangeiridade. Pondo noutras palavras, a estrangeiridade alemã e estrangeiridade libanesa encontram-se no contexto da cultura brasileira, figurando o ritmo do exílio que permite aos sujeitos da travessia se reconhecerem fora-dentro de si mesmos.

O fora-dentro do segundo narrador mediador estrangeiro desenvolve-se na trajetória do marido muçulmano de Emilie. Borrando os limites do Líbano, ele abre as paisagens de sua vida para cartografar as experiências paradoxais do movimento do contato, aprendendo a ser outro



de si, bem como interrogando os contextos de vivência, onde se relaciona com outros atores culturais. O pai de Hakim é também um exemplo de um sujeito de travessias múltiplas, navegando pelo oceano para encontrar a outra margem de si, desviando-se do percurso do mesmo para angariar outras lentes de percepção de sua estrangeiridade.

Assim, os narradores de dentro-fora do nacional e os de fora-dentro do estrangeiro conjugam a experiência de serem estranhas a si mesmas, penetrando na camada da interface da subjetividade múltipla, que os joga para dentro-fora do campo das geografias simbólicas. Por isso, elas percebem que a geografia de nascimento não serve como único caminho para traduzirem o ritmo da estrangeiridade redigida dentro de si, desviando-se do círculo do olhar homogêneo para seguir em errância pelo imaginário heterogêneo da poética do encontro.

Em *DI*, o dentro-fora do narrador mediador Nael encontra-se com o fora-dentro dos estrangeiros dos libaneses Galib, Halim e Zana, do indiano Rochiram e do francês Antenor Laval. O intercâmbio estabelecido entre esses sujeitos culmina na projeção do imaginário estrangeiridade que atravessa cada um deles. O contato que realizam serve de força-motriz para mergulharem dentro de si mesmos, cartografando o movimento de estranhamento existente dentro da própria cadeia de suas subjetividades.

O imaginário da interconexão do próprio e do alheio espraia-se na zona das travessias entre o dentro-fora nacional e o fora-dentro estrangeiro. Outrossim, a travessia física de Nael, pela comarca cultural manauara, desemboca na travessia simbólica para o outro lado de si, disseminando-se pelos horizontes da relação dialógica com as estampas da cultura nacional hibridizada.

Assim, Nael abre o movimento de figuração do nacional múltiplo circunscrito à confluência disjuntiva do



próprio e alheio, costurando um dentro-fora de si mesmo que deriva entre um largo contingente de sujeitos. Esses também cartografam o ritmo da passagem para dentro e fora de si, de tal forma a propulsionarem a dinâmica da estrangeiridade desenhada no quadro das paisagens do encontro.

Por sua vez, a inter-relação entre o dentro-fora do nacional e o fora-dentro do estrangeiro faz parte da reconstrução do percurso de uma voz narrativa que fricciona dialogicamente memórias para cancelar o colóquio da presença alheia recolhida na margem de si e preenchida pela trama polifônica do outro em devir.

Hospedando seres em deriva, o dentro-fora de Nael cartografa o fora-dentro de estrangeiros, através da figuração de histórias de vidas que se despem da clausura do medo de descobrirem estrangeiras a si mesmas, explorando a dinâmica do encontro com o outro para expandir o fluxo das experiências migrantes.

As prospecções desse estágio de correlações atacam os sensores da construção de uma poética da relação assentada nas fissuras do desenraizamento, bem como da ampliação de claves narrativas, cujas fraturas derivam de um imaginário que se esquia da tutela do engessamento das alteridades.

Figurando timbres agudos, médios e graves de sotaques diferentes, o dentro-fora do narrador mediador Nael atravessa o labirinto da rede de contato entre estrangeiros que se encontram no limiar do reconhecimento de suas estrangeiridades linguísticas, culturais, espaciais, temporais e estéticas. Como tradutor da margem alheia e própria, Nael borda fios provisórios da pertença de agentes de diferença habitantes de lugares sociais vários, relendo e reescrevendo os vestígios de marcas identitárias plurais.

Atravessados pelo ritmo do desvio para além de si, o dentro-fora do narrador Nael projeta a força da dimensão topográfica de um olhar errante que se desloca do eu de si

mesmo para sobrevoar a própria estranheiridade de si, sendo capaz de ver, perceber e sentir a geografia subjetiva de outros eus da multiplicidade da relação.

Dessa maneira, configura-se a travessia de um narrador de múltiplas faces que acessa à memória alheia para escrever a história do deslocamento do outro de si, rumo a alteridades vindas de outras regiões planetárias alicerçadas na dinâmica da passagem pelo imaginário de locais heterogêneos cujas cosmogonias convivem simultaneamente com construções identitárias rizomáticas.

A adoção dessa estratégia de saída de si em direção ao outro permite a Nael reconhecer a estranheiridade do seu próprio horizonte de vivência, figurando o atravessamento entre local, global e estrangeiro. A errância da voz do filho de Domingas se espalha pela zona do imaginário da mobilidade. Desse ponto de vista, tanto o dentro-fora do narrador como o fora-dentro dos estrangeiros migram para além de si, recolhendo os fragmentos da experiência dialógica de mapear os traços da memória que os arrasta para dentro-fora das redes de sentido do encontro entre as culturas.

Através da incursão pelos limiares da estranheiridade, o dentro-fora de Nael mapeia os vestígios da passagem do outro na margem do próprio, indo além da clausura do nacional para topografar os rastros do fora-dentro estrangeiro. Dessa maneira, o processo de figuração do imaginário nacional captura o transbordamento das fronteiras do medo de interagir com os avessos da voz de si, figurando a passagem pela zona de contato que permite traduzir o gesto da multiplicidade do eu para deixar vir e vir de sujeitos de outros lugares.

Assim, figurados em posição de movência, o fora-dentro dos estrangeiros Galib, Zana, Halim, Rochiram e Laval inscrevem-se no entre-lugar do imaginário das trocas culturais. As cenas do encontro entre tais sujeitos errantes,



longe de separar as geografias do desejo, conectam alteridades delas deslizando pelo solo da troca intersubjetiva. Eles são desterritorializados de suas geografias de nascimento e reterritorializados numa geografia simbólica, vivendo a experiência paradoxal do movimento em direção ao outro de si.

Reconstruindo esse mundo em interação, entre o ir e vir das margens do tempo do eu que se percebe cindido, o dentro-fora do narrador mediador Nael vê-se impossibilitado de encontrar uma única via de compreensão para as várias faces que existem dentro-fora de si. Nael entra noutro tempo de si, para gestar as andanças desse eu que se isenta do fechamento dentro da fronteira do mesmo, multiplicando a fecundidade do gesto da tessitura que flagra a transitividade repousada na estrada da memória viva do dentro-fora da rede de si.

A travessia pelo espaço físico ativa a ligação com o outro, acionando o tempo misturado, a memória escorregadia e convívio intercultural de sujeitos que partilham entre si a geografia simbólica da estrangeiridade. Nessa intensificação de diálogos, percebe-se a configuração do movimento da errância de Nael, pois ele se joga na rede da tradução do outro de si, procurando conhecer a si mesmo na encruzilhada do contato com o outro.

Construindo o percurso de vidas em constantes deambulações, Nael executa a travessia para dentro-fora da geografia simbólica de suas subjetividades, cartografando o outro de si que interage com figuras de alteridade posicionadas no limiar do reconhecimento do fora-dentro do outro estrangeiro de libaneses, franceses e indianos.

Juntos, esses narradores abrem as janelas do seu imaginário para conviver com o fora-dentro de si para experimentarem a potencialidade da linha de fuga de si, nascendo desse encontro brechas dialógicas para desenhar o



mapa da errância de sujeitos que estão posicionados na ponte de passagem entre o fora-dentro e fora-dentro das relações interculturais, portanto, moradores do território da estrangeiridade de si mesmos.

Por essa via interpretativa, a atmosfera da figuração da estrangeiridade respalda-se na projeção do encontro do dentro-fora brasileiro com o fora-dentro português, indiano e francês. Logo, as vias da interação entre o próprio e o alheio testemunham a cena da travessia de alteridades pelas trilhas de múltiplos olhares que potencializam o magma do encontro. Através da figuração de geografias simbólicas e das cartografias da paisagem da multiplicidade do eu que narra e do eu narrado, *RCO* e *DI* desenharam a travessia do estrangeiro pelo mundo das trocas culturais.

Como ponto de intercâmbio, o texto hatouniano o próprio espaço de movimento. Ele não se fixa somente na sua horizontalidade, pois comporta também o eixo da verticalidade. A oscilação entre o horizontal e o vertical dilata os limites do imaginário acessado durante a travessia desses territórios da (re)descoberta de si como outro. A poética do desvio instala-se nas fronteiras de *RCO* e *DI*. Esses hospedam sintática e semanticamente os resíduos da horizontalidade e verticalidade, sem qualquer pretensão de supervalorizar um em detrimento do outro; ao contrário, buscam explorar o jogo da passagem de um ao outro, exercitando o movimento das trocas intersubjetivas, memoriais e poéticas no entre-lugar do imaginário latino-americano.

Amarrando, solidária e friccionalmente, as comarcas libanesa, brasileira e francesa, os textos hatounianos deslizam entre as práticas do cotidiano da cultura em movimento das Amazônias. É dessa margem pluralizada que as obras rascunham o enlance entre arquipélagos culturais interplanetárias. Nessa perspectiva, o espírito da mobilidade

costura a guinada do pensamento nômade, que aproxima o uno e o diverso da heterogeneidade amazônica.

Outrossim, é preciso investigar as cenas e marcas da des(re)territorialização, entendendo-as como lugares onde se projetam as heterogeneidades cultural, linguística, estética e epistemológica das alteridades amazônicas. Visto como uma instância policromática do entre, os romances de Milton Hatoum (des)tecem, dialogicamente, outros (per)curso da heterogeneidade cultural, interligando, por conseguinte, as rotas da figuração da poética do deslocamento no hemisfério da plasticidade das literaturas amazônicas contemporâneas. Nesses limiares heterogêneos, encontram-se disseminadas as cenas de entre-imaginários plurais, cindidos, errantes e interculturais, logo, convidando exercício da leitura, análise e interpretação do campo literário latino-americano.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamim. *Literatura comparada e relações comunitárias, hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HATOUM, M. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CURY, M. Z. F. *De orientes e relatos*. In: SANTOS, L. A. B. & Pereira, M. A. *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Poslit/FALE/UFMG. Nelan, 2000.

PAGEAUX, D. *Musas na encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada*. org. Marcelo Marinho et al. Frederico Westphalen, RS; URI, 2011.

PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio – imaginário e modernização*. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americana*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos e viagem e transculturação*. São Paulo, EDUSC, 1999.

RAMA, Angel. *Os processos de transculturação na narrativa latino-americana*. In. AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Tradução de Raquel Corte dos Santos, Elsa Gasparotto. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Os autores

Amilton Queiroz

Doutor em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade Federal do Acre, lotado no Colégio de Aplicação.

Simone Lima

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade de São Paulo. Docente da Universidade Federal do Acre e Pesquisadora do CNPq.

Jane Fraga Tutikian

Doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente da mesma instituição.